

# A relação entre Darwin e as ciências humanas

José Eli da Veiga parte do mal-entendido que marcou lançamento de "A Origem das Espécies". Por **Oscar Pilgallo**

**"Amor à Ciência - Ensaios sobre o Materialismo Darwiniano"**

José Eli da Veiga; Senac;  
144 págs. R\$ 59,00 **AA+**



Interdisciplinar desde o subtítulo, que se refere ao conceito ainda pouco assimilado de "materialismo darwiniano", o novo livro de José

Eli da Veiga reconstitui a turbulenta relação entre o evolucionismo de Charles Darwin (1809-1882) e as ciências humanas, e a projeta para um futuro em que pontes acadêmicas ainda em construção ligam as duas grandes áreas de conhecimento.

Em quatro ensaios de complexidade crescente, mas sempre vazados em formulações elegantes, "Amor à Ciência" parte do grande mal-entendido que marcou os anos seguintes ao lançamento, em 1859, de "A Origem das Espécies", o livro mais importante do naturalista britânico.

A obra, como se sabe, apresenta a teoria da evolução de uma perspectiva biológica, mas, nota Veiga, "tornou-se inevitável que ela fosse indevidamente extrapolada para o caso da humanidade, pois isso jogava água no moinho de duas ideologias já bem estabelecidas e muito em voga".

Uma delas, radicalmente liberal, argumentava que, se só os mais fortes sobrevivem, não haveria sentido em se cultivar a solidariedade com os fracos e os pobres. A outra, de extração ainda mais conservadora e autoritária, "propunha que se ajudasse a natureza eliminando os menos aptos via eugenia".

O autor explicita logo a discordância do cientista em relação a tais leituras, o que ficaria claro já na sua segunda grande obra, "A Descendência do Homem". Nesse livro, de 1871, Darwin expande o



**José Eli da Veiga, professor da USP e escritor: versatilidade intelectual**

conceito que ele fixara pouco antes ao analisar o impacto de qualidade morais e instintos sociais na evolução da espécie humana.

Veiga bebe na fonte da antropologia darwiniana, para a qual muito contribuiu o francês Patrick Tort, fundador do Instituto Charles Darwin Internacional, que nos anos 1980, ao reunir evidências contra a descabida acusação de que Darwin teria sido racista, acabou cunhando o termo "efeito reversivo da evolução".

O autor de "Amor à Ciência" explica. Trata-se de um aparente paradoxo em que, "com o perdão por inevitáveis pleonasmos, a seleção natural seleciona a tendência civilizadora que, por sua vez, se opõe à seleção natural". Ou seja, as sociedades que valorizam a empatia e o altruísmo se tornam, por meio de

um intervencionismo que se opõe à desqualificação social, mais aptas a triunfar. "A nova vantagem adaptativa deixa de ser ordem biológica, pois se tornou social."

José Eli da Veiga está numa posição privilegiada para quem se interessa pela interseção de disciplinas que encerram conhecimentos específicos e, no mais das vezes, estanques. Colunista do **Valor**, Veiga tem um pé na ciência e outro na economia, como professor do Instituto de Energia e Ambiente e da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP.

A versatilidade de sua trajetória intelectual provavelmente o ajuda a compreender por que demorou tanto tempo para que as humanidades assimilassem o darwinismo. Basicamente, por um

século, até o início dos anos 1970, a aproximação foi inviabilizada "pelas incipiências e precariedades que caracterizam os dois lados".

De um lado, "o darwinismo era demasiadamente especulativo", diz Veiga. De outro, "as iniciativas de adotá-lo em análises das sociedades humanas não poderiam ter sido mais desastrosas", como atestam as ideias que levaram ao "repugnante darwinismo social e ao hediondo crime da eugenia".

Com tal legado negativo, não deixou de ser uma boa surpresa que, nas últimas quatro décadas, tivesse início a legitimação do darwinismo como alicerces epistemológico que não se restringe às ciências da vida.

Veiga recapitula, por exemplo, a guinada de Edward O. Wilson. Depois de se entusiasmar com a hipótese da seleção por parentesco, que chegou a ser unânime no campo darwinista em meados dos anos 1960, o prestigiado biólogo americano mudou de posição a partir do início dos anos 1990, quando surgiram indícios substanciais favoráveis à hipótese de seleção de grupos. Tais evidências lhe mostraram que "os altruístas hereditários formam grupos cooperativos e bem organizados a fim de superar grupos não altruístas competitivos", como escreveu em "A Conquista Social da Terra", de 2013.

Em outras palavras, a imbricação das ciências biológicas e sociais permite deduzir que a colaboração entre grupos, chamada multinível, é mais eficiente, em termos de evolução, do que o nepotismo.

O darwinismo materialista é uma disciplina em construção, mas, a julgar pelo rumo das novas pesquisas, as conclusões preliminares não deixam de ser alentadoras para um mundo ocidental ainda marcado pelo individualismo.

**Oscar Pilgallo** é jornalista e autor de "História da Imprensa Paulista" (Três Estrelas). ■